

AUTOR BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
MAIS DE 6 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

ROBERT
DUGONI

UM

ESPIÃO

EM FUGA

TOP
SEL
LER

«Uma combinação brilhante de espionagem
e aventura clássica, com um mapa de Moscovo nas mãos.»

MARTIN CRUZ SMITH, autor bestseller internacional

*À minha filha, Catherine, que me faz rir e sorrir.
A faculdade é a tua próxima aventura.
É tempo de levatares voo, de te exhibires.*

Então, conhecereis a verdade, e a verdade libertar-vos-á. (Jo 8:32)

A verdade libertar-vos-á, mas, primeiro, lixar-vos-á o juízo.

(Autor desconhecido)

PRÓLOGO

Moscovo, Rússia

Zarina Kazakova aproximou-se das portas de vidro de Belyy Dom, a Casa Branca da Rússia, e olhou para o exterior, espreitando o céu carregado que ameaçava sufocar Moscovo. A pergunta que pairava no ar não era *se*, mas *quando* é que cairia a primeira torrente de neve. Os meteorologistas tinham previsto temperaturas negativas para o fim da tarde e 15 a 20 centímetros de neve. Zarina soltou um suspiro ao pensar no duro inverno que teriam pela frente e enfiou os dedos nas luvas de pele macia. Bogdan, um dos guardas, postado junto de um detetor de metais, inclinou-se para espreitar também a camada de nuvens cada vez mais escura.

— *Pokhozhe, chto eto budet dolgaya zima, Zarina* — comentou.

— E quando é que o inverno não é longo? — replicou Zarina, em russo.

A pergunta era claramente retórica, pelo que Bogdan, um moscovita até aos ossos, não se preocupou em responder. Ambos sabiam que o problema do inverno russo não era ser longo; o adjetivo mais adequado para o qualificar era «opressivo».

— Tens alguma coisa combinada para logo à noite? — perguntou Bogdan. Envergava o sóbrio uniforme militar verde-cinza sob o igualmente sóbrio sobretudo de lã; na cabeça, muito direito, o boné pontiagudo.

— Tenho sempre coisas combinadas — respondeu Zarina, num tom propositadamente vago, esperando conseguir desanimá-lo antes de ele pensar em insistir.

Zarina tinha 60 e poucos anos, mas herdara os genes da mãe: no cabelo acobreado, mal lhe apareciam uns fios brancos, e a pele, lisa, parecia a de uma mulher com metade da sua idade. A mãe dizia sempre que uma mulher russa que quisesse manter uma boa aparência — a única coisa que era verdadeiramente sua e que, por isso, deveria ser cuidadosamente preservada — tinha de levar uma vida saudável. Zarina vestia-se impecavelmente e jamais se permitira dois dos passatempos nacionais da Rússia: fumar e beber em excesso, em especial vodca. Depois de se divorciar, nunca mais tivera ninguém, e dava a impressão de que todos os homens de Belyy Dom estavam a par disso.

Bogdan sorriu.

— Pela maneira como estás vestida, vais sair de certeza.

Com efeito. O pesado sobretudo de inverno com gola de pele de coelho combinava com a pele da *ushanka*, que Zarina assentou na cabeça, baixando as proteções das orelhas, prevendo o vento e o frio que iria encontrar lá fora.

— Achas mesmo que eu só me visto assim quando vou sair com alguém? — perguntou. — Hum? — Cobriu a boca com o cachecol, pouco interessada na resposta de Bogdan, e avançou para a porta, desejando-lhe uma boa-noite. — *Dobroy nochi*.

— *Spokoynoy nochi* — respondeu-lhe Bogdan, desejando-lhe uma noite tranquila e abrindo-lhe a porta.

Ao sair, Zarina foi atingida por uma forte rajada de vento vinda do rio Moskva, que a abalroou com a fúria de um comboio de mercadorias em movimento. A tempestade que se aproximava iria ser terrível.

Desceu com cuidado os degraus de cimento e atravessou o pátio velozmente, de cabeça baixa. Passando o portão ornamentado, saiu para a Krasnopresnenskaya Nab e seguiu à beira-rio até à paragem de autocarro, na esquina da Glubokiy Pereulok.

Nem o vento conseguia diluir o barulho ensurdecedor dos autocarros e das buzinas dos automóveis do «Putinstão» que era a Moscovo do século XXI, com os transeuntes a correrem para casa, com receio de serem apanhados pela primeira queda de neve. Na curva do rio Moskva, o Hotel Ukraina, o colossal exemplar dos excessos estalinistas, dominava a vista. No final da Segunda Guerra Mundial, Estaline mandara construir sete edifícios do mesmo género com o objetivo de glorificar o estado soviético e impressionar o Ocidente, que andava ocupado a erigir arranha-céus. Corria o boato de que também os desenhara, e que decidira fazê-los muito parecidos para confundir os bombardeiros norte-americanos, caso atacassem Moscovo. Zarina achava o boato absolutamente credível, tendo em conta a tendência paranoica dos dirigentes russos.

Tipicamente russos, os sete edifícios eram extremamente exagerados: tinham uma base ampla, que ia estreitando e terminava num pináculo adornado com uma estrela vermelha, e ostentavam influências das arquiteturas grega, francesa, chinesa e italiana. Zarina perguntou-se como teria Estaline reagido se soubesse que o Hotel Ukraina se transformara no Radisson Royal Hotel, um símbolo do capitalismo ocidental.

O silvo de travões pneumáticos e o odor a gasolina fizeram-na voltar à realidade, e Zarina avançou, entre empurrões e apertados, para as portas automáticas do autocarro; na Rússia, há muito tempo que a boa educação fora substituída pela luta pela sobrevivência. Espantosamente, foi encontrar um lugar vazio ao fundo do veículo. Tirou as luvas e o gorro, para não aquecer demasiado. O ar húmido e estagnado condensara nos vidros das janelas, retendo o odor pungente a suor, mal disfarçado por perfumes e águas-de-colónia intensos.

O autocarro foi avançando ao longo do rio Moskva, já cheio de pedaços de gelo, outro indicador do inverno cortante que se aproximava. Cerca de 30 minutos depois, chegou à paragem em frente ao supermercado da Filevsky Bulvar. Zarina atravessou

o parque, mergulhado em sombras, ouvindo os galhos das árvores a tocarem-se e a partirem-se a cada rajada de vento. Em redor do parque, erguiam-se, como sentinelas, prédios de apartamentos da era soviética, grotescos blocos de cimento com janelas minúsculas, cobertos de *graffiti*. Zarina empurrou a porta castanha de metal, entrando no átrio espartano do seu prédio. Os candeeiros tinham sido roubados há muitos anos — bem como o mármore do chão e o corrimão de latão das escadas. Para os russos, o capitalismo significava roubar tudo o que fosse passível de ser vendido. Qualquer tentativa de repor o que fora tirado era recompensada com um novo roubo.

Zarina subiu de elevador ao 12.º andar e avançou por um corredor tão despido quanto a entrada do prédio. Ao chegar à porta do apartamento que fora dos seus pais, abriu as quatro fechaduras, limpou as botas no tapete para não deixar marcas no chão de carvalho, com um intrincado desenho geométrico embutido, e pendurou o casaco e o gorro no cabide, antes de se dirigir à sala.

— Já estávamos a perguntar-nos se não iria regressar a casa, Sra. Kazakova.

A voz masculina sobressaltou-a e Zarina soltou um grito. O homem, sentado no sofá, de perna traçada, não reagiu. Ela mirou-lhe rapidamente as calças cinzentas sem vincos, a camisola de gola alta preta e o casaco comprido de pele, concluindo que se tratava de um agente da polícia, possivelmente do FSB, o Serviço Federal de Segurança que sucedera ao KGB. Um segundo homem, vindo da cozinha, surgiu no corredor, bloqueando-lhe a fuga, algo, contudo, que não passara pela cabeça de Zarina. Este último era quadrado, encorpado como um frigorífico.

— Sente-se, por favor — disse o homem instalado no sofá. Na mesa de centro, ao lado da sua *ushanka* e das luvas de pele com forro de pelo, estava uma garrafa da melhor vodca de Zarina, a que ela servia aos convidados, bem como os dois copos de cristal que a mãe lhe deixara. — Espero que não se importe — continuou ele, apercebendo-se de que o olhar dela se detivera

na mesa. — O ordenado de um funcionário público não chega para comprar *Stolichnaya*. Pergunto-me até como é que uma secretária do Ministério da Defesa consegue permitir-se tal luxo.

— Foi um presente — explicou Zarina, tentando não parecer nervosa. — Leve-a consigo e vá-se embora. Eu não bebo.

— Não esteja com pressa. Por favor, sente-se. Deixe-me proceder às apresentações. — Zarina permaneceu de pé, sem saber o que fazer. Tinha consciência, há muito, de que aquilo poderia acontecer, embora mantivesse a esperança de que tal dia nunca chegasse. — Não quer sentar-se? Bem, pronto. O meu nome é Viktor Nikolayevich Federov. — Apontou para o outro homem, o frigorífico. — E este é o Arkady Otochestovich Volkov.

Aquela apresentação formal não era de bom agouro, como não o era o facto de ele não se ter dado ao trabalho de mostrar a sua identificação como agente do FSB. Zarina sentiu os joelhos a fraquejarem, mas manteve uma postura desafiadora.

— Tenho muitos amigos no Ministério da Defesa — começou por dizer. Olhou para o relógio. — Um deles, um guarda, está aí a chegar.

— Tinha — corrigiu Federov.

— Desculpe?

— A senhora disse «tenho», mas julgo que queria dizer «tinha»... no passado. E não está ninguém a chegar, Sra. Kazakova. Há várias semanas que vigiamos o seu apartamento e nunca vimos ninguém a entrar. Porque será? A senhora é solteira e muito bonita. — Federov estendeu o braço e serviu-se de vodca. Depois, ergueu os olhos e fitou-a com uma expressão dura. — Dá-me licença?

— O que é que o senhor quer? — perguntou ela.

Ele recostou-se, de copo na mão.

— Direta ao assunto. Ótimo. Gosto disso. Não quer perder tempo. Muito bem. — Ergueu o copo. — *Za tvoyo zdarovyе!* — *À sua saúde!* Bebeu a vodca e voltou a pousar o copo sobre a mesa. — Diga-me uma coisa. O que sabe acerca das sete irmãs?

A pergunta deixou-a perplexa.

— Está louco?

Federov sorriu.

— Vamos partir do princípio de que não estou. O que é que sabe sobre elas?

— Eu não sou guia turística, nem me compete entretê-lo. Se quer saber mais sobre as sete irmãs, compre um livro. Certamente, haverá muitos à disposição.

— Ah — disse Federov, descruzando as pernas. — Pensa que eu estou a referir-me aos sete edifícios de Estaline. É um erro compreensível. Não. Não estou a falar dos edifícios, mas das sete irmãs que têm operado como espias dos americanos nas últimas quatro décadas. E a senhora é uma delas. — Zarina sentiu um fio de suor a escorrer-lhe pelas costas. De repente, a sala tornara-se quente e húmida, como o interior do autocarro. Nunca tinha ouvido aplicar a designação «sete irmãs» senão aos edifícios. Então, havia mais seis como ela? — Está calor aqui dentro? — perguntou Federov a Volkov. — Estava frio, mas a verdade é que a vodca também ajuda. — Voltou a fitá-la, fazendo uma longa pausa. — Sabe, Sra. Kazakova, as outras duas mulheres também afirmaram que nunca tinham ouvido falar das sete irmãs. E quer saber uma coisa? — Fez uma nova pausa. Estaria à espera de que Zarina lhe respondesse? Ela não sabia o que dizer. Mais seis como ela. Meu Deus! — Até acredito que não soubessem — prosseguiu Federov, recostando-se. — O Arkady sabe ser bastante persuasivo. E eu também gostava de acreditar que a senhora, tal como as outras duas, desconhece a identidade das restantes, mas não posso ir-me embora sem ter a certeza. Todos nós temos de responder perante os nossos chefes, não é verdade?

— Não estou a perceber nada do que o senhor está a dizer — retorquiu Zarina. — Está enganado. Eu trabalho como secretária para o Ministério da Defesa e desempenho este cargo já há quase 40 anos. A minha lealdade e as minhas competências foram verificadas e aprovadas dezenas de vezes. Pode confirmá-lo.

— Nega a existência das sete irmãs? — perguntou-lhe Federov.

— Tal como o senhor as definiu, certamente que sim.

Federov pegou no gorro e nas luvas e levantou-se. Tinha um ar grave.

— Para mim, é uma triste melodia, que não tenho qualquer desejo de ouvir. Mas essa negação é música para os ouvidos do Arkady.

PARTE I

Ilha Camano, Washington

Charles Jenkins pousou um joelho no chão e começou a apalpar as folhas e os galhos que se haviam acumulado sobre as duas campas. Tornara-se uma rotina, na sua corrida matinal de oito quilómetros, ir visitar *Lou* e *Arnold*, os dois leões-da-rodésia que sepultara à beira do riacho. Há muito que as duas cruces de madeira haviam sido arrastadas, pois as águas invadiram as margens — uma possibilidade que ele não tivera em conta quando enterrara, à pressa, os seus dois meninos.

Max, a cadela *pit bull* malhada, apareceu a correr de trás de um arbusto quando Jenkins se pôs de pé.

— Mas ainda te tenho a ti, não é, miúda? És o último dos moicanos. — *Max* também estava a ficar velhota, com o pelo mais cinzento do que castanho. Jenkins não sabia bem a idade da cadela, que ele salvara das mãos de um homem que a maltratava, mas devia ter pelo menos uns 11 anos, mais dois que o seu filho, *CJ*. — Anda, miúda, vamos para casa, ver se o *CJ* já foi para a escola.

Retomou a corrida na estrada de cascalho, com *Max* a tentar acompanhar-lhe o ritmo. Jenkins queria outro cão. *CJ* já tinha idade para cuidar de um animal — aprenderia a ser responsável —, mas, com um segundo filho a caminho, *Alex* opunha-se firmemente à ideia, e Jenkins sabia que não se contestava uma grávida.

Percorreu os últimos metros a passo, com as mãos enganchadas atrás da cabeça, inspirando o ar fresco de novembro. O suor escorria-lhe do gorro de lã e da camisola azul de algodão grosso. Jenkins corria três vezes por semana — era o máximo que os seus joelhos aguentavam — e fazia levantamento de pesos na cave de sua casa. Com 64 anos, já não lhe bastava ter cuidado com a alimentação para se manter em forma. Fora à custa de sangue, suor e até de algumas lágrimas que, após um ano de exercício intenso e consistente, recuperara os 105 quilos, apenas mais meia dúzia do que o peso máximo que tinha quando trabalhava como agente da CIA na Cidade do México, há quase 40 anos.



O *Range Rover* estava parado na rampa de acesso à casa, uma moradia de dois andares, com o motor a aquecer, enquanto Alex levava a cabo a difícil tarefa matinal de tirar CJ da cama e de casa de forma a chegar à escola a horas. Às quintas-feiras, Alex dava apoio aos alunos que precisavam de ajuda a Matemática, o que aumentava a tensão. Era Jenkins quem tratava do almoço de CJ e lhe organizava a mochila, deixando-lha junto à entrada, o que lhe permitia ir correr sem se sentir totalmente culpado.

— CJ, anda lá! Vamos chegar atrasados! — Alex estava já à porta a gritar, num tom de total desespero.

Jenkins ouviu a resposta do filho, vinda algures de dentro de casa.

— Não encontro as chuteiras.

— «Não as encontras porque as deixaste no carro» — murmurou Jenkins.

— Estão no carro, onde as deixaste — gritou Alex.

— «Tens o meu almoço?» — disse Jenkins, baixinho.

— Não encontro o meu almoço — queixou-se CJ. — És tu que o tens?

— Sim — respondeu Alex, segurando o saco de papel castanho.

— «O teu blusão?» — sussurrou Jenkins. — «Não preciso.»
«Precisas, sim. Estão quatro graus. Vai buscar o blusão ao cabide.»

— O teu blusão? — perguntou Alex a CJ quando o viu a correr porta fora em calções e t-shirt.

— Não preciso.

— Está um frio de rachar. Vai buscar o blusão ao cabide.

CJ correu para dentro de casa e voltou a sair com o blusão. O rapaz, todo braços e pernas, era o mais alto da turma — como seria de esperar, com um pai com quase dois metros e uma mãe com um metro e oitenta. Era uma combinação do passado hispânico de Alex com as raízes afro-americanas de Jenkins. Tinha até os olhos verdes do pai, talvez provenientes de um gene recessivo, transmitido pelos seus longínquos antepassados do Luisiana.

CJ passou a correr por ele.

— Olá, pai. Adeus, pai.

— Dá cá um beijo ao teu pai — ordenou-lhe Jenkins. CJ voltou para trás e recebeu um beijo no cimo da cabeça. — Boas aulas. — O rapaz dirigiu-se para o carro, sentando-se no banco traseiro. Jenkins foi atrás dele. — Voltaste a ter problemas com aquele rapaz? — perguntou-lhe.

— Não, está tudo na boa.

— Se houver algum problema, liga-me. Lembras-te do código?

— Sim — respondeu CJ, num tom impaciente, apertando o cinto de segurança.

— Qual é? — Os velhos hábitos eram difíceis de perder. A família de Jenkins tinha um código, tal como ele tivera um código quando trabalhava na Cidade do México, não fosse acontecer alguma coisa e precisar de ajuda.

— Pai...

— Estamos a perder tempo.

— O *Lou* está bom? — disse CJ, com um suspiro.

— Está a dormir.

— Podes acordá-lo?

— Se for mesmo preciso.

— É preciso.

Jenkins afagou o cabelo ao rapaz, despenteando-o.

— Muito bem. — Fechou a porta do carro.

Alex revirou os olhos.

— Este miúdo esquecer-se-ia da cabeça se não a tivesse presa ao pescoço. E a médica ainda pergunta porque é que eu tenho a tensão alta.

— Vais fazer os exames hoje?

— Às duas.

Alex estava na 23.^a semana de gravidez e, na última consulta, ficara a saber que tinha a tensão alta, o que, segundo a médica, explicava as dores de cabeça e as dores na zona superior do abdómen. A médica diagnosticara-lhe pré-eclampsia e aconselhara-a a abrandar o ritmo e a relaxar. A única cura para a pré-eclampsia era ter o bebé, mas Alex estava muito longe do fim do tempo de gestação. Jenkins retirara-lhe toda a parte da contabilidade e da administração da CJ Security — tinham dado o nome do filho à empresa da família —, além de controlar o trabalho de campo.

Despediu-se dela com um beijo.

— Promete que não exageras, Alex.

— Prometo. Eles puseram uma secretária e uma cadeira na sala de aula para a grávida — disse, sentando-se ao volante e pondo o cinto de segurança. — Falaste com o Randy?

— Alex...

— Fico mais descansada se me disseres que falaste.

— Vou falar.

— Quanto é que eles nos devem?

— Deixa-me ser eu a tratar do assunto. Tenho a certeza de que nos pagam até ao fim do mês.

— Acho que lhes debes dizer que vais mandar retirar toda a gente se eles não pagarem. De certeza que assim te prestariam atenção.

— Não duvido. Mas não te preocupes com isso. A médica disse que o stress não faz bem à grávida.

— Mãe, vou chegar atrasado! — gritou CJ, do banco traseiro. Alex revirou os olhos.

— *Agora* é que ele está preocupado. — Deu um beijo a Jenkins e fechou a porta do carro. — Liga ao Randy — insistiu, baixando o vidro e falando enquanto se afastava. — Dá-lhe até ao final da semana. Diz-lhe que está a deixar uma grávida em stress e que, se eu perder a cabeça, ele será o primeiro da lista.

Jenkins sorriu.

— Eu digo-lhe — respondeu.

Alex contornou a sequoia com o *Range Rover*, projetando atrás de si leves jatos de cascalho, e avançou para a estrada de asfalto.

Um dos clientes da CJ Security era a LSR&C, uma sociedade de investimentos com sede em Seattle. O diretor financeiro da empresa, Randy Traeger, pai de um dos rapazes da equipa de futebol da escola de CJ, abordara Jenkins ao saber que este tinha experiência na área da segurança e que prestara serviços a David Sloane, um advogado de Seattle, e aos clientes deste. Randy explicara-lhe que a LSR&C estava a crescer muito depressa, tendo filiais em São Francisco, Los Angeles e Nova Iorque, e que tentava expandir-se para o estrangeiro. Jenkins podia coordenar grande parte da segurança — a proteção dos funcionários e dos clientes abastados que se deslocavam aos escritórios — por telefone, evitando, assim, as deslocções de hora e meia a que o cada vez mais intrincado trânsito de Seattle obrigava.

O *Range Rover* virou à esquerda e desapareceu por trás das árvores e dos arbustos. Jenkins olhou para *Max*.

— Os seguranças não podem ficar à espera do salário até ao final do mês — comentou. A cadela lançou-lhe um olhar impaciente. — Exato. É precisamente isso que eu acho.



Jenkins deixou nova mensagem a Randy; se ele não lhe ligasse até ao final do dia, teria de se meter no carro e ir até Seattle,

aparecendo nos escritórios da LSR&C, no Columbia Center. Sentou-se ao computador e abriu uma série de documentos.

Para criar a CJ Security, ele e Alex tiveram de pedir um empréstimo bastante significativo, além de investir grande parte das suas poupanças, mas, ao início, houvera muito trabalho. Com a recente mudança do mercado, porém, a LSR&C começara a atrasar os seus pagamentos à CJ Security, e acumulava, neste momento, uma dívida de mais de 50 mil dólares. Jenkins não estava em condições de reforçar o empréstimo para fazer o pagamento de meio do mês aos seguradoras e saldar as faturas dos fornecedores, nem tinha disponibilidade financeira para compensar o atraso da LSR&C. Ainda assim, tentava mostrar-se calmo por causa de Alex, pois qualquer aumento da tensão faria exacerbar a pré-eclampsia, pondo em risco a vida dela e do bebé. Jenkins repetia a si próprio que não era a primeira vez que a LSR&C se atrasava com os pagamentos e que tinham acabado sempre por cumprir as suas obrigações.

Enfiou o telemóvel no bolso, serviu-se de uma caneca de café da cafeteira que estava na bancada da cozinha e saiu para apanhar ar, com *Max* atrás de si. Dirigiu-se para a horta, que dava a impressão de ter sido atingida por uma bomba: hastes secas, estacas de madeira, folhas enrugadas. A gerir a empresa sozinho, não tivera tempo de a preparar para o inverno.

Pareceu-lhe ouvir o barulho de pneus a pisar o cascalho, e *Max* confirmou essa impressão com um latido. Olhou para sul e viu um carro a subir o caminho de cascalho e terra batida que atravessava a propriedade do vizinho. Muitos anos antes, um acordo legal de passagem permitia que os carros seguissem por esse caminho até à propriedade de Jenkins; quando, porém, o prazo do acordo chegara ao fim, o vizinho instalara um portão e plantara amoreiras para impedir que os carros fizessem esse percurso. Jenkins tivera, então, de abrir uma entrada para a sua casa nas traseiras do seu lote de quatro hectares.

O carro parou ao chegar às amoreiras e ao portão, que estava fechado — pelo menos o motor desligou-se e ouviu-se uma porta a bater.

Jenkins avançou até lá, deparando-se com um homem que parecia estar a admirar a propriedade.

— Deseja alguma coisa? — perguntou-lhe.

O homem voltou-se — um fantasma do passado. Alto e esguio como sempre, tinha a tez bronzeada das pessoas que andam regularmente ao sol, mas com o cabelo agora surpreendentemente branco. Carl Emerson olhou-o com os penetrantes olhos azuis que Jenkins tão bem conhecia.

— Já lá vão uns anos — comentou.

2

Jenkins entrou na sala e estendeu uma caneca de café a Emerson.

— Então, é aqui que passas o teu tempo. — Emerson estava diante da janela panorâmica a contemplar o prado do que fora, em tempos, uma quinta de produção de laticínios, mas que agora estava inativa.

— Sim — respondeu Jenkins.

Emerson deu um gole no café para disfarçar o incómodo silêncio.

— Trabalhas em segurança privada, não é? — perguntou. Andara a pesquisar sobre a vida de Jenkins, ou mandara alguém fazê-lo. Só restava saber porquê. Jenkins assentiu com a cabeça. Carl Emerson fora o diretor da filial da CIA para a qual Jenkins trabalhara, mas Jenkins não voltara a ter qualquer contacto com ele, nem com nenhum outro agente da CIA, desde que decidira, abruptamente, abandonar o serviço, cerca de 40 anos antes. — Gostas desta vida? — perguntou-lhe Emerson.

— Em geral, sim — respondeu Jenkins. — Tem as suas coisas boas, e outras menos boas, mas tenho a minha própria empresa.

— A massa vai-te parar ao bolso. — Emerson bebeu outro gole de café, sorriu e avançou até à lareira de pedra, pondo-se a observar as fotografias emolduradas da família sobre a cornija,

uma das quais era de Alex no dia do casamento. — E casaste-te com uma agente da CIA. O pai dela era nosso consultor na Cidade do México, não era?

Jenkins ignorou a pergunta.

— E tu, o que tens feito?

— Trabalho num escritório em Langley — respondeu Emerson. — Embora já devesse ter-me reformado.

— E, no entanto, vieste bater-me à porta — observou Jenkins.

— E, no entanto, vim bater-te à porta — repetiu Emerson, pousando a caneca sobre a cornija da lareira. — O Sr. Putin voltou a trazer a Rússia para o primeiro plano dos serviços secretos americanos, transformando pessoas como tu e eu, que vivemos a Guerra Fria, em bens de primeira necessidade. *Vy yeshcho govorite po-russki?*

— Há muito tempo que não falo russo, não — respondeu Jenkins.

Durante o seu período de formação em Langley, Jenkins descobrira que tinha algum talento para línguas e passara um ano a aprender russo e espanhol numa escola, antes de ser enviado para a Cidade do México; fora ajudar a contrabalançar uma das maiores embaixadas soviéticas do mundo, que havia sido transformada em porto de abrigo para os agentes do KGB.

— O que vieste cá fazer, Carl?

— Já ouviste falar das sete irmãs? — Jenkins negou com a cabeça. — São sete mulheres russas, filhas de dissidentes, treinadas quase desde que nasceram e infiltradas em várias instituições da antiga União Soviética, de onde fornecem informações aos Estados Unidos. Foi uma das poucas vezes em que a CIA exercitou a paciência — comentou Emerson. Era um aspeto que distinguia a CIA do KGB, pelo menos no tempo em que a Rússia era a União Soviética: o serviço de informações soviético agia sempre com grande cautela e paciência, e sabia-se que a Rússia tinha agentes nos Estados Unidos que haviam sido inseridos no país em crianças. — As sete irmãs eram totalmente clandestinas

— prosseguiu Emerson. — Eram muito poucos os agentes da CIA que estavam a par desta operação, e menos ainda os que sabiam os nomes das irmãs. Eu não era um deles.

— Ainda existem? — perguntou Jenkins.

— Algumas, sim — respondeu Emerson.

— Não as desativámos na década de 90, quando Gorbachev introduziu a *glasnost* e a *perestroika*? — insistiu Jenkins.

— Não — respondeu Emerson. — E, ultimamente, as coisas mudaram, quer dentro da Rússia quer na nossa relação com a Rússia. Putin não é Gorbachev. — Putin, que fora funcionário dos serviços internacionais do KGB e ascendera a tenente-coronel, era considerado, pelo pessoal dos serviços de informações, um homem imoral e pouco fiável. — De acordo com as informações que recebemos — prosseguiu Emerson, dirigindo-se para um dos dois sofás de pele vermelhos que havia na sala, onde se sentou e traçou a perna —, Putin terá afirmado que o desmantelamento da União Soviética «foi a maior catástrofe geopolítica do século xx». Se pensares que o século xx produziu duas guerras mundiais e o Holocausto, uma afirmação destas chama a atenção.

Jenkins foi instalar-se no outro sofá de pele, com a mesa de centro a separá-lo de Emerson.

— O que vieste cá fazer, Carl? — voltou a perguntar.

— Nos últimos dois anos, três das irmãs foram mortas.

— Mortas? Como assim?

— Deixaram de enviar relatórios e desapareceram.

— Se calhar já não querem nada connosco.

— É pouco provável. Quanto mais a Rússia vai revertendo para uma ditadura, com uma constituição que é quase meramente decorativa, mais se vai parecendo com tudo aquilo que as sete irmãs foram treinadas para combater.

Jenkins recostou-se.

— E vocês acham que houve alguém dentro da Rússia que as identificou e começou a executá-las? Nesse caso, porque não executaram as outras quatro? Se sabiam os nomes dessas três,

também conseguiriam chegar aos das outras quatro. As técnicas russas de interrogatório são implacáveis.

— As irmãs não se conhecem umas às outras, nem sabem o nome da operação. Aliás, na verdade, nem sequer sabem que se trata de uma operação. Todas elas estão convencidas de que atuam autonomamente.

— Ou seja, não podem denunciar-se umas às outras.

— Não, não podem.

Jenkins ficou pensativo, por instantes.

— Nesse caso, volto a perguntar-te: o que estás aqui a fazer? — disse, por fim.

— Os *millennials* cresceram, Charlie, e fazem parte da comunidade dos serviços de informações. São extremamente eficientes em termos de informática e de conhecimentos eletrónicos. Mas a inteligência humana, os pés na terra, é uma arte em vias de extinção. Tu falas a língua, ou pelo menos serias capaz de a reaprender rapidamente. O teu trabalho dá-te uma cobertura legítima; a LSR&C tem um escritório em Moscovo, não tem? A tua presença na Rússia seria perfeitamente natural. E não precisas de ser treinado.

— Querem reativar-me? — perguntou Jenkins, mal podendo acreditar no que estava a ouvir.

— Sim — respondeu Emerson.

— Com que finalidade?

— Presumimos que, se três das irmãs foram identificadas e mortas, não tardará muito que as outras quatro também sejam eliminadas.

Jenkins devia ter recusado, mas não o fez.

— O que é que sabemos sobre o assunto? — perguntou, ao invés.

— Muito pouco. Sabemos que Putin ficou a par da possível existência das sete irmãs quando era agente do KGB e que tentou verificar se essa informação era verdadeira e identificar as mulheres, mas não conseguiu.

— E nunca desistiu de as procurar?

— Será melhor dizer que *nunca se esqueceu*. O FSB não é o KGB. É uma versão melhor, com tecnologia mais avançada. Temos dados que nos indicam que Putin confirmou a existência desta operação e ativou uma contra-agente, a que chamou a oitava irmã.

— Armado em James Bond, portanto — comentou Jenkins.

— Ele nunca foi muito subtil. Viste as fotografias dele em tronco nu? Provavelmente a montar sem sela?

— A virilidade russa — observou Jenkins, recordando que os agentes russos tinham a obsessão de parecerem mais possantes do que as suas contrapartes da CIA.

— A oitava irmã é uma referência a um oitavo edifício que Estaline encomendou, mas que não chegou a ser construído. Precisamos de alguém que identifique essa pessoa antes de morrerem mais irmãs.

Jenkins abanou a cabeça.

— O FSB detetar-me-ia assim que o Serviço de Fronteiras passasse o meu passaporte pela máquina. Devem ter um ficheiro sobre mim, do tempo em que trabalhei na Cidade do México.

— Espero bem que sim — respondeu Emerson, com um sorriso. — Um ex-agente da CIA que saiu descontente e está a trabalhar em Moscovo. O FSB vai ser cauteloso, mas não deixará de se mostrar muito interessado — comentou. — Tens de avançar lentamente, dando-lhes informações que despertem o interesse deles, mas que não ponham em causa as operações ativas. Quando tiveres conquistado a confiança deles, comunicas-lhes que podes revelar-lhes os nomes das restantes quatro irmãs. Acreditamos que, quando o fizeres, será na presença da oitava irmã.

— E depois?

— A tua função termina aí, com a sua identificação.

— Vou ser o agente calçadeira.

— Sim.

Jenkins abanou a cabeça.

— E o meu sucessor matará a oitava irmã?

— Como tu próprio disseste, Charlie, as técnicas russas de interrogatório podem ser brutais. As restantes quatro irmãs arriscaram a sua vida e a vida das suas famílias para nos transmitirem informações importantes e sensíveis.

— Então, diz ao diretor que as tire de lá. A Rússia já não é um país fechado. Levem as outras quatro irmãs para a Europa, ou tragam-nas para cá.

— Infelizmente, tirá-las da Rússia equivaleria a uma denúncia, e alguns acontecimentos recentes na Grã-Bretanha mostraram que tirá-las de lá não as protegeria da ira de Putin. Além disso, perderíamos uma fonte de informações essenciais, numa altura em que não podemos dar-nos a esse luxo. Putin nunca ocultou a sua nostalgia pela União Soviética: reintroduziu no hino nacional frases que tinham sido escolhidas por Estaline, organizou desfiles militares ao estilo soviético em Moscovo e restabeleceu um programa nacional de preparação física que Estaline lançara em 1931.

— Se calhar, julga que é um Jack LaLanne.

Emerson sorriu, mas o seu sorriso foi breve.

— Pensando na intervenção na Ucrânia e na anexação da Crimeia, já para não falar do papel da Rússia na Síria, nas eleições de 2016 e no ataque com um agente nervoso na Grã-Bretanha, dá a impressão de que voltámos aos dias da União Soviética.

Jenkins levantou-se e deu uns passos pela sala.

— Eu deixei o serviço há várias décadas, e fi-lo por uma razão específica.

— E é precisamente por isso que és, neste momento, um trunfo. O que aconteceu naquela altura foi um erro, Charlie.

Jenkins ainda tinha na sua mente a vívida visão da aldeia mexicana, os homens e as mulheres caídos no chão, mortos em consequência de um ataque levado a cabo com base em informações transmitidas por ele.

— Um erro? É uma maneira bastante curiosa de descrever o que aconteceu.

— As informações que levaram ao ataque vieram, em parte, de ti.

— E eu tenho tido de viver com isso — retorquiu ele, irritado. — Foi o meu castigo. — Fez uma pausa, tentando controlar as emoções. O passado estava enterrado, mas não estava esquecido. — Não tenho qualquer vontade de voltar. Tenho mulher e um filho, e um segundo a caminho. Arranjem outra pessoa.

— Não há mais ninguém com as tuas competências específicas que possa ser rapidamente ativado e que seja credível.

— Eu poderia ir à Rússia dezenas de vezes e regressar de mãos vazias, Carl. Porque é que achas que sou mais capaz de localizar a oitava irmã do que qualquer outra pessoa?

— Assim que fizeres referência às sete irmãs, não irás precisar de localizar a oitava; será ela que te localizará a ti.

Jenkins adorara a vida que levava na Cidade do México. O trabalho dava-lhe um sentido de missão, a noção de que fazia parte de uma equipa empenhada em algo importante. Adorara os jogos com os agentes do KGB, e era bom nisso — melhor do que bom. A sua carreira estava em franca e rápida ascensão, até o massacre naquela aldeia de Oaxaca lhe ter alterado a perspetiva.

— Eu já não sou esse homem, Carl.

Emerson levantou-se, enfiou a mão no casaco do fato e tirou um cartão de visita.

— Fica com o meu número, para o caso de mudares de ideias. Jenkins não pegou no cartão.

— Isso não vai acontecer.

Emerson pousou o cartão sobre a cornija da lareira e foi-se embora.

Jenkins não foi atrás dele.

Depois de Emerson sair, aproximou-se da lareira, pegou no cartão, examinou-o e levou-o consigo para junto da janela panorâmica, de onde ficou a contemplar o que antes fora uma quinta de produção de laticínios, agora inativa, a despeito do seu enorme potencial.

3

O prazo que Jenkins dera à LSR&C expirara há uma semana e, apesar das garantias dadas por Randy Traeger de que a empresa saldaria a enorme dívida que tinha para com a CJ Security, a verdade era que a LSR&C pagara apenas 10 mil dólares, o que nem chegara para os salários. Jenkins tinha funcionários a ameaçarem demitir-se, bem como credores a falarem de processos judiciais. Pior ainda: como tivera de assinar uma garantia pessoal para conseguir o empréstimo, corria o risco de perder todos os seus bens, incluindo a propriedade, se o banco acionasse essa garantia.

Jenkins dissera a Alex que a LSR&C fizera um pagamento e prometera um segundo, mas ela tinha noção da gravidade da situação.

Sozinho no escritório da sua casa, começou a andar de um lado para o outro. Há dois dias que não conseguia falar com Randy, e as alternativas começavam a esgotar-se. Mesmo que lhes pusesse um processo e ganhasse, o pagamento demoraria meses, ou até anos, a chegar à sua conta — isto se houvesse alguma coisa a recuperar. Por essa altura, já ele teria perdido tudo e aberto falência — ele, a mulher e os dois filhos.

Abriu a gaveta da secretária pela terceira vez e tirou lá de dentro o cartão que Carl Emerson lhe deixara sobre a cornija da

lareira, passando-o com destreza entre os dedos. O cartão não tinha nome, nem morada, nem identificação do negócio do seu proprietário; tinha apenas um número com dez algarismos.



Era meio-dia. Jenkins percorria a rua calcetada do mercado de Pike Place, ouvindo os pregões dos vendedores de peixe e os guinchos das gaivotas famintas. Já se viam decorações de Natal em muitos restaurantes e lojas, embora faltassem ainda alguns dias para o Dia de Ação de Graças.

O Radiator Whiskey era um restaurante em plano aberto num edifício de dois andares, à entrada do mercado. Tinha a canalização, os exaustores e os suportes das luzes à vista, presos às vigas de madeira; os tachos e as panelas estavam suspensos de uma prateleira elevada, que ocupava o centro da sala, sobre uma cozinha ruidosa, e, na parede do fundo, viam-se garrafas de whisky e barris de madeira antigos. O espaço era bastante luminoso, a luz natural a jorrar das janelas em arco de vidros múltiplos que davam para o icónico letreiro a néon vermelho do Public Market Center com o relógio.

Carl Emerson estava sentado a uma mesa junto à janela. Numa das paredes, havia um quadro de giz, com o menu do dia escrito à mão.

— Como é que descobriste este sítio? — perguntou Jenkins, despindo o casaco de pele preto e pendurando-o nas costas de uma cadeira.

— Foi-me recomendado por uma amiga. Disse-me que tinha um ambiente retro e que se comia bem — respondeu Emerson. — Queres beber alguma coisa? — perguntou, ao ver uma empregada a aproximar-se.

Emerson tinha à sua frente um whisky com gelo. Parecia continuar a ter os mesmos gostos em matéria de álcool.

— Água — respondeu Jenkins.

A empregada afastou-se.

— Segundo me disseram, a perna de porco é excelente — recomendou Emerson, entregando-lhe o menu.

Jenkins pousou o menu sem olhar para ele.

— E como é que eu chego à oitava irmã?

Emerson pegou no copo e bebeu um gole antes de responder.

— Como te disse no outro dia, estamos convencidos de que, assim que tu mencionares que tens informações sobre as outras quatro irmãs, ela virá ao teu encontro. Os russos são curiosos e paranoicos por natureza. É algo que fica quando se passa 80 anos num regime comunista, sempre a ver se não anda ninguém atrás deles.

— E como é que eu me torno credível?

— Como tu próprio disseste, os russos irão descobrir-te assim que passarem o teu passaporte pela máquina. Quando estabeleceres contacto, fazes saber que és agente da CIA...

— Ex-agente.

— Um ex-agente da CIA só teria acesso a informação relevante para eles se trabalhasse para a Lockheed ou algo do género. Não, tens de lhes dar a entender que, embora pareça que deixaste a agência, continuas ativo e tens informações que julgas serem de interesse para eles. Dada a vida de eremita que levaste na tua quinta nas últimas décadas, eles não terão maneira de confirmar nem de desmentir o que lhes disseres. Como te disse, é a situação ideal.

Jenkins passara anos a viver de uma herança que recebera, completada com o que ganhava a vender mel, compotas e cavalos árabes.

— Estive escondido à vista de todos — comentou.

— Exatamente.

— E a informação que tenho é a identidade das outras quatro irmãs?

— Se disseres isso, o mais provável é estares, cinco minutos depois, a bater com os costados numa cela da Lubyanka — fez-lhe

ver Emerson, numa referência ao edifício onde estivera sediado o KGB, e que fora herdado pelo FSB. — Tens de começar por lhes dizer que possuis informações que estás disposto a vender. Lembra-te de que os russos são muito lentos nestes processos. Vão fazer-te esperar, vão fingir que não estão interessados, e é bem provável que te ponham à prova antes de confiarem em ti.

— E porque é que eu estou a fazer isso? — perguntou Jenkins.

— Se ainda estou no ativo, porque é que decidi trair o meu país?

— O melhor disfarce é sempre...

— O que mais se aproxima da verdade — completou Jenkins.

— Montaste um negócio que se encontra com graves problemas financeiros.

— Como é que sabes?

— Intuição de um operacional antigo. Se estivesses cheio dele, não estarias aqui a falar comigo, pois não?

— E como é que eu estabeleço a confiança?

— Eu forneço-te nomes de agentes russos que trabalhavam para a CIA, denunciados há muito tempo, mas que nunca foram reconhecidos pelo Kremlin nem por nós.

— Se não foram reconhecidos, como é que eu tenho acesso a essa informação?

— Porque eram agentes do KGB que passaram para o nosso lado na Cidade do México. Se o FSB for confirmar, e vai confirmar de certeza, perceberá que estás a dizer a verdade. Isso deve bastar para lhes acalmar a paranoia e lhes aguçar a curiosidade. Quando conseguires estabelecer a confiança, dizes-lhes que podes ter acesso aos nomes das restantes quatro irmãs, em troca de um valor acrescido. O número é relativamente irrelevante, mas não te esqueças de que os russos são uns sovinas.

Emerson fez deslizar uma pasta de cartolina sobre a mesa.

Jenkins abriu-a e espreitou lá para dentro, vendo uma fotografia polaroide, presa com um clipe a uma folha de registo, de um homem com uns 40 e poucos anos.

— Coronel Viktor Nikolayevich Federov — disse Emerson.

— É o chefe da oitava irmã?

— É pouco provável. Achamos que a identidade dela só é conhecida ao mais alto nível do FSB. Mas sabemos que esse Federov é um homem ambicioso. Assim que referires as sete irmãs, ele vai perceber o significado da designação e vai transmitir essa informação aos seus superiores. Quando a oitava irmã se apresentar, tu vens-te embora, deixando a promessa de forneceres os nomes das quatro irmãs que restam, revelas-me a identidade da oitava irmã e nós tratamos do assunto a partir daí.

— E se os russos decidirem não respeitar as regras? Se decidirem que preferem convidar-me a ficar com eles?

Emerson nem pestanejou.

— Se alguma coisa correr mal, a agência renega a operação. O teu trabalho nunca será referido e muito menos elogiado em público. Se o fizéssemos, estaríamos a pôr as outras quatro irmãs em risco.

— E a minha mulher e o meu filho?

— A tua mulher não pode saber absolutamente nada acerca disto.

— Certo, mas que garantia me dás de que, caso alguma coisa me aconteça, alguém cuidará deles?

— Nenhuma — respondeu Emerson.

Jenkins recostou-se.

— Pelo menos és honesto.

— Se eu dissesse outra coisa, acreditavas em mim?

— Quero 250 mil dólares, com 50 mil à cabeça e os restantes 200 pagos quando eu trouxer o nome da oitava irmã.

— Isso é muito dinheiro — comentou Emerson.

— O risco é igualmente grande, e eu tenho uma dívida que preciso de resolver. Os primeiros 50 mil serão um adiantamento. Vou pedir o mesmo ao FSB em troca da divulgação do primeiro nome, e, quando receber esse dinheiro, passo-to.

Emerson sorriu.

— Não mudaste nada. Continuas a querer enganar o KGB.

— Mudei, e muito — contrapôs Jenkins.

— Não posso fazer-te um pagamento à cabeça — disse Emerson. — Quando tivermos a certeza de que o FSB está interessado, autorizo o pagamento dos 50 mil. Quando tivermos o nome da oitava irmã, hei de arranjar-te mais 100 mil.

Com 150 mil dólares, a CJ Security poderia saldar as dívidas e Jenkins ficaria com alguma margem, caso a LSR&C continuasse sem lhe pagar.

A empregada regressou à mesa com o prato de Emerson e perguntou a Jenkins se queria pedir alguma coisa, mas este declinou, dizendo que não tinha fome. Emerson baixou os olhos para a perna de porco diante de si, coberta de malaguetas vermelhas e um molho verde de alho.

— Fazemos negócio?

— Fazemos — respondeu Jenkins. — Fazemos negócio.

— Vai treinar o teu russo.



Jenkins ergueu os olhos por cima do livro, na esperança de que o filho já estivesse a dormir, ou perto disso, mas CJ continuava acordado. Alex não o autorizara a ler os livros de Harry Potter quando ele era mais novo, alegando que tinham conteúdos para adultos e que seriam assustadores para uma criança. Aos 9 anos, CJ voltara a pedir para os ler e Jenkins tomara o seu partido, o que fora um erro enorme; Alex cedera, mas com a condição de ser Jenkins a ler os dois primeiros livros a CJ. «Da próxima vez, diz-me apenas para não me meter no assunto», pedira Jenkins à mulher.

Embora, em geral, Jenkins adorasse aquela altura do dia com o filho, nessa noite sentia-se inquieto. A LSR&C fizera mais um pagamento de 10 mil dólares, mas não compensava a dívida acumulada. Jenkins andava a fazer malabarismo, tentando apaziguar os seguranças, os fornecedores e o banco.

— Pai, passa-se alguma coisa? — perguntou CJ.

Jenkins apercebeu-se de que parara de ler.

— Não, nada. Não se passa nada — respondeu, desviando o olhar para os números vermelhos que brilhavam no ecrã do relógio da cómoda: 21 horas. — É melhor ficarmos por aqui.

— Acaba só esse capítulo.

— Chegámos ao fim de uma secção, e a seguinte é bastante longa. — Jenkins fechou o livro e pousou-o na mesa de cabeceira, arrumando a cadeira ao canto do quarto, junto das chuteiras e do restante equipamento de futebol de CJ. — Como é que correu o futebol esta tarde?

— Correu bem — respondeu CJ, aconchegando-se debaixo dos lençóis.

— Só bem?

— O míster quer que eu jogue a defesa central.

— Isso é excelente. É uma das posições mais importantes da equipa.

— Um central não marca golos.

— Está bem, mas se a outra equipa não marcar golos, a tua equipa tem mais hipóteses de ganhar, certo?

— Sim.

— Às vezes, as posições mais importantes não são as que mais atraem o olho — prosseguiu Jenkins. — Às vezes, as posições mais importantes são aquelas que não chamam a atenção. — Inclinando-se, depositou um beijo no cimo da cabeça de CJ. — Sabes que eu te adoro, não sabes?

— Sei — respondeu CJ, virando-se de lado.

Quando Jenkins desceu, Alex tinha acendido a lareira e estava sentada num dos sofás de pele vermelhos, com uma manta sobre as pernas, a ler mais um livro sobre educação dos filhos. Com os seus 39 anos, Alex era demasiado nova para ele, mas muito mais madura. Jenkins atribuí-a ao facto de ser filha única de um casal de professores extremamente cultos. O pai fora consultor da CIA no tempo em que Jenkins trabalhava na Cidade do México, mas Jenkins só a conhecera 30 anos depois, quando ela fora à

sua quinta em Camano entregar-lhe um embrulho enviado por Joe Branick, o parceiro de Jenkins na Cidade do México; Branick pedira à rapariga que o fizesse, caso lhe acontecesse alguma coisa.

Alex ergueu os olhos do livro quando o sentiu chegar.

— Ele refilou?

— Nem por isso — respondeu Jenkins.

— Tenho andado a pensar em comprar-lhe os áudios dos livros. O psicólogo explicou-me que, se o CJ ouvir a narração ao mesmo tempo que lê o livro, vai adquirindo vocabulário.

Jenkins gostava de ler ao filho.

— Vamos com calma — pediu.

— Estavas muito calado ao jantar, Charlie — comentou Alex.

— Estava? Bem, estou um bocado preocupado.

— Vem sentar-te um bocadinho aqui à lareira.

Jenkins contornou o sofá e Alex levantou a manta para ele se instalar. Ficaram os dois a ver as chamas a bruxulearem, numa série de cores, por trás do vidro protetor.

— O que é que o Randy te disse?

— Que os investimentos estão a entrar, mas que eles tiveram uma série de despesas com a abertura de mais escritórios no estrangeiro e estão com o fluxo de caixa apertado. Disse-me que vai fazer os possíveis por pôr as nossas contas em ordem, as nossas e as dos nossos fornecedores de equipamentos. As coisas vão-se resolver. — Fez uma pausa, de olhos fitos nas chamas. — A LSR&C pediu-me que fosse a Londres para os ajudar a abrir o escritório e avaliar potenciais riscos em termos de segurança. Vai lá estar o Randy. Seria uma boa oportunidade para falar pessoalmente com ele e resolver este assunto.

— Quando é que partes? — perguntou ela.

— Quando as coisas estiverem organizadas. Logo a seguir ao Dia de Ação de Graças, provavelmente.

— E quanto tempo vais lá estar?

Jenkins não tinha a certeza, mas lembrava-se de um agente lhe dizer que fazer contraespionagem era como ter um encontro:

o melhor era não marcar nada logo a seguir. O encontro inicial servia apenas para criar interesse.

— Talvez uma semana.

— Prefiro ter-te em casa — disse Alex, aninhando-se nele.

— Tens o *Freddie* no armário — recordou-lhe Jenkins.

Freddie era o nome que haviam dado à espingarda de canos serrados que Jenkins guardava num cofre de armas no roupeiro do quarto deles. Antes de ter Alex e CJ na sua vida, dormia com a espingarda ao lado da cama.

Alex passou a mão sobre a manta.

— Não era bem no *Freddie* que eu estava a pensar.

— A médica disse que podias ter sexo?

Ela beijou-o.

— Disse que não havia problema desde que eu não fizesse esforço. Parece que vais ter de ficar por cima.

4

Uma semana após o Dia de Ação de Graças, às 22h30, Jenkins seguiu no voo 2579 da Aeroflot, do aeroporto de Heathrow para o aeroporto de Sheremetyevo, localizado a cerca de 30 quilômetros do centro de Moscovo. Dois dias antes, ligara para a filial da LSR&C de Moscovo a avisar que tencionava fazer aquela viagem, com o objetivo de analisar as medidas de segurança que estavam a ser aplicadas.

O voo de Londres para Moscovo demorava cerca de quatro horas, mas, com a viagem desde Seattle, seria um total de 17 horas. Com a escala e as múltiplas mudanças de horário, Jenkins chegaria a Moscovo às 5 horas. Para manter o disfarce, comprara o voo e reservara a estadia no Hotel Metropol, situado na baixa de Moscovo, com o cartão de crédito da empresa. Não o preocupava a possibilidade de Alex descobrir aqueles gastos porque, desde que fora diagnosticada com pré-eclampsia, era raro ela controlar o cartão da empresa.

Como não conseguia adormecer no avião, Jenkins pôs os auscultadores para treinar o seu russo. Embora tivesse estudado a língua já há várias décadas, conseguiu ir repescar os conhecimentos a um qualquer recesso do cérebro. Quando as rodas do avião tocaram no solo, estava longe de ser fluente, mas conseguia perceber e falar o suficiente para se safar. Espreitando da janela do avião, avistou

o céu carregado de Moscovo, esperando que fosse um indicador de neve sobre a cidade e não um mau presságio em relação ao futuro.

No interior do terminal, o funcionário da imigração analisou atentamente o passaporte de Jenkins, passando a seguir para o computador e escrevendo algo. Momentos depois, abanou a cabeça e devolveu-lhe o passaporte.

— *Nyet*.

— *Chto sluchilos'?* — perguntou Jenkins. *Qual é o problema?*

O homem mostrou-se surpreendido com o facto de Jenkins se lhe dirigir em russo, mas limitou-se a indicar-lhe, com um gesto, que saísse da fila.

— *Nyet* — repetiu.

— *Ya prozhdal chas. I u menya yet' delo, po kotoromu mne nuzhno popast' v Moskvu* — argumentou Jenkins. *Estive uma hora à espera e tenho negócios a tratar em Moscovo.*

O homem saiu da cabina e chamou outra pessoa, mas Jenkins não percebeu o que ele dissera. O segundo homem, num fato castanho, aproximou-se rapidamente e ficaram os dois a falar por alguns instantes em voz baixa. O homem do fato pegou no passaporte de Jenkins e dirigiu-se-lhe em inglês.

— Acompanhe-me, por favor.

Deduzindo que uma discussão não iria acelerar o processo, e ciente de que, na Rússia, quando uma situação corre mal, pode piorar rapidamente, Jenkins atravessou o aeroporto atrás do homem até a uma sala de detenção, certo de que estava prestes a ser enfiado num avião de regresso aos Estados Unidos. O homem do fato deixou-o sozinho na sala. Jenkins tirou a mochila do ombro, largou o *trolley* e tentou abrir a porta, mas encontrou-a trancada.

— Fantástico — murmurou. — Nem sequer consigo entrar no país.

Meia hora mais tarde, cansado da brincadeira, preparava-se para começar a bater na porta quando ouviu vozes masculinas do outro lado. Logo a seguir, a porta foi bruscamente aberta e um homem de cabeça rapada e ombros largos entrou na sala,

dirigindo-se a Jenkins como se ele fosse um primo que não via há muitos anos. O homem do fato castanho entrou logo atrás, pálido e com um ar preocupado.

— Sr. Jenkins, queira desculpar o incómodo — disse o primeiro homem, em inglês, mas com pronúncia russa. — Tenho estado à sua espera na zona de recolha de bagagens. O meu nome é Uri, e sou o seu motorista e o seu chefe de segurança aqui em Moscovo.

Jenkins não solicitara nenhum motorista, nem contava que lhe fosse atribuído um.

— O que se passa, Uri? Porque é que me detiveram?

— Foi um mal-entendido — respondeu Uri, lançando um olhar fulminante ao homem do fato castanho. Dada a disparidade de alturas entre os dois, este parecia um miúdo a ser admoestado por um professor. — O Sr. Jenkins é um homem de negócios importante! — berrou Uri. — Onde está o passaporte dele? — O funcionário estendeu-lhe rapidamente o passaporte. — Está a ver? Foi um mal-entendido — repetiu Uri, sorrindo e pegando na bagagem de Jenkins. — Venha comigo. Tem mais alguma bagagem?

— Não — respondeu Jenkins, saindo da sala atrás de Uri.

— Faz muito bem em viajar com pouca coisa — comentou Uri, olhando para trás. — Às vezes, demora-se uma hora a recuperar a bagagem. Cá para mim, é o avião que come as malas — acrescentou, voltando a sorrir. — Vamos, vamos.

— Uri — disse Jenkins, apressando-se atrás do homem, que percorria o corredor a passos largos. — Eu não pedi que me arrandassem um motorista.

Outro sorriso.

— Em Moscovo, isso está subentendido. Agora, há obras por todo o lado, a deitar coisas abaixo e a construir outras, e há cada vez mais pessoas e mais trânsito. — Uri virou à esquerda, descendo um longo corredor cinzento. — Sem motorista, não iria muito longe nem rapidamente.

Tudo aquilo era plausível, e Uri era um ator convincente. Podia perfeitamente ter ido ao aeroporto buscar o patrão — mas Jenkins

sabia que o seu passaporte ativara um alarme. Fora detido para que o funcionário da imigração tivesse oportunidade de alertar o FSB, dando-lhes tempo para colocarem várias pessoas no rasto de Jenkins, pessoas que o acompanhariam durante a sua estadia no país. Uma dessas pessoas poderia ser o próprio Uri. Não era raro os russos infiltrarem agentes do KGB — e agora do FSB — em empresas americanas.

Jenkins podia ser um homem de negócios americano, mas, anos antes, trabalhara na CIA, e a memória dos russos era tão longa quanto os seus invernos.

Ao chegar a Moscovo, Uri contornou o Kremlin na Marx Prospekt, dando oportunidade a Jenkins para ver as cúpulas coloridas da Catedral de São Basílio, com o seu formato de cebola. Viam-se algumas pessoas a passear na praça, enfrentando o inverno com roupas grossas.

Uri estacionou diante da entrada principal do Hotel Metropol e Jenkins, que seguia no banco de trás, saiu do carro, sendo atingido por um frio intenso que lhe mordeu o rosto e as mãos. Até custava a respirar. Jenkins enfiara umas luvas e um gorro de lã na bolsa exterior da mala, mas, naquele momento, optou por fingir que era turista, olhando para o outro lado da rua, onde o trânsito era intenso, como se estivesse a admirar a torre do relógio do Kremlin, enquanto, na verdade, observava dois homens numa carrinha *Mercedes* preta, de cuja presença se apercebera pelo retrovisor lateral do carro durante o percurso até à cidade.

— Tem uma reunião no escritório às 14 horas. Venho buscá-lo às 13h30, está bem? — disse Uri, pousando a mala de Jenkins no passeio. — Pode dormir um pouco, mas não muito.

Jenkins agradeceu-lhe, pegou na mala e subiu as escadas até à entrada do hotel. A porta foi aberta por um porteiro, dando acesso ao interior de mármore. Do teto em caixotões, pendiam lustres de pérolas, que iluminavam estátuas douradas e pilares de mármore. Havia relógios caros à venda em vitrinas e uma harpista dedilhava as cordas do seu instrumento. O rececionista falava um inglês

perfeito, e, poucos minutos depois, Jenkins entrava no seu quarto, no quinto andar, onde teve de lutar contra o enorme desejo de se estender na gigantesca cama de casal. Sabia que, se adormecesse, seria «muito», como advertira Uri, e Jenkins tinha coisas a fazer.

Dirigiu-se à casa de banho, fechou a porta e abriu o chuveiro. Enfiou a mão atrás da sanita e apalpou a fita adesiva. Desprendeu-a e puxou um envelope castanho. Sentou-se sobre o tampo da sanita, abriu o envelope e tirou do interior diversas folhas de papel onde leu o nome da operação desativada e a identidade do agente duplo russo ao qual deveria recorrer para chamar a atenção do FSB.

Já tinha o isco. Só lhe faltava lançar a linha e esperar que o peixe mordesse.



Depois de ter decorado o conteúdo do material que Carl Emerson lhe fornecera, Jenkins dobrou cada folha em acordeão, colocou a primeira na beira da sanita e passou a chama de um isqueiro pela parte superior do papel. Graças às dobras, o papel ardeu sem fazer fumo nem deixar cheiro, não acionando, assim, os alarmes de incêndio. Quando a folha acabou de arder, deitou as cinzas para dentro da sanita e fez o mesmo às folhas seguintes, à exceção de um pequeno papel, que rasgou e pôs de lado.

Emerson dera-lhe o número de telefone da sede do FSB, na praça Lubyanka. Jenkins abriu a mala, tirou de lá um telemóvel pré-pago e introduziu o número no telefone; confiava na sua memória, mas a verdade é que já não era o miúdo despreocupado de 20 e poucos anos que fora noutros tempos. Olhou para a mão direita, vendo-a a tremer. Esperou que fosse de nervosismo, e não algo pior. Era um tremor ligeiro, mas nunca lhe acontecera aquilo.

Pôs o telemóvel no bolso do casaco e tirou da mala o espesso gorro de lã e as luvas de pele forradas a pelo. Olhou em redor e memorizou a posição de todos os objetos no quarto, que seria certamente revistado.

Avançou para a porta e, ajoelhando-se, como se fosse apertar os atacadores, colocou o papel que rasgara sob a sola do sapato para que, quando abrisse a porta, a deslocação do ar não o soprasse. Pôs-se novamente de pé, abriu a porta e saiu para o corredor, fechando-a cuidadosamente atrás de si.

Ao chegar à receção do hotel, o porteiro perguntou-lhe se queria um táxi, mas Jenkins disse-lhe que não.

— Vou só dar uma volta — explicou-lhe, em russo, para treinar a língua. — Tenho a impressão de que, com este frio, não irei longe.

Puxou o fecho do casaco, enfiou o gorro de lã até às orelhas e saiu para a rua, onde foi atingido por uma rajada de vento russo, como uma bofetada. Parou à porta, a calçar as luvas, e esse compasso de espera permitiu-lhe confirmar a presença do *Mercedes*, estacionado do outro lado da Teatral'nyy Prospekt.

Seguiu para norte, com o ar que expirava a transformar-se numa nuvem de vapor à sua frente, e dirigiu-se para o edifício cor de laranja da praça Lubyanka. Aquele edifício retangular fora, noutros tempos, um dos mais temidos do mundo, albergando a sede do KGB e a sua horrenda prisão.

Emerson dissera-lhe que, em comparação com o FSB, o KGB era uma polícia de comédia, e que Putin, ao chegar ao poder, decidira que as suas prioridades absolutas seriam o reforço da sua posição pessoal e do poder do Estado. Para isso, criara a sua própria oligarquia, tendo chamado amigos e colegas de Leninegrado e colocado alguns deles no FSB para poder estar sempre informado e esmagar sem dó nem piedade qualquer contestação.

Em frente ao edifício da Lubyanka, do outro lado da praça, ficava o local para onde Jenkins se dirigia: um robusto edifício de vários andares, em tempos chamado Detsky Mir, que albergava mais de uma centena de lojas de brinquedos. Jenkins avançou para uma porta de vidro com uma decoração de Natal constituída por três enormes figuras em néon — uma menina, um urso e um Pinóquio —, perguntando-se se teriam algum significado político: a menina seria a nova Rússia; o urso, a velha Rússia;

e o Pinóquio, uma personagem apanhada ali no meio. Contudo, o que realmente lhe interessava, além da localização do edifício, era que as lojas deviam estar apinhadas de mães e filhos, em especial agora, tão perto do Natal, e ele queria que o primeiro encontro — se viesse a ocorrer — se desse num local público.

Dentro do centro comercial, Jenkins descalçou as luvas e tirou o gorro, enfiando-os nos bolsos do casaco. Sentia um formigueiro no rosto, como quando, após uma manhã no dentista, o efeito da novocaína começa a diluir-se. Descobriu uma sucursal da Starbucks no rés do chão, pediu um cappuccino grande e levou-o para uma mesa, sob o telhado de vidro colorido do átrio. As vozes das pessoas formavam uma espécie de zumbido grave, que quase abafava a música natalícia. Jenkins pôs-se a mexer no telemóvel, dando aos dois russos encarregados de o seguir tempo de ali chegarem. Os dois homens entraram no centro comercial e encostaram-se a um poste de iluminação, todo decorado, um deles com o nariz enterrado num jornal dobrado.

Jenkins inspirou fundo e fez o telefonema. O telefone tocou várias vezes, e ele pensou que a chamada iria parar ao voicemail, mas, nessa altura, uma voz masculina atendeu.

— Federov.

— *Dobroy dien* — cumprimentou Jenkins, prosseguindo em inglês: — Sou americano, vim a Moscovo tratar de negócios e tenho informações que julgo serem de interesse para o governo russo. Gostaria de me encontrar com alguém para discutir uma proposta que poderá ter valor para vocês.

Federov ficou em silêncio, por instantes, provavelmente a arranjar maneira de gravar a conversa.

— *Kakaya informatsiya?* — perguntou, optando por falar em russo, embora, com toda a certeza, soubesse inglês. A língua era uma forma de controlar um contacto, e nunca se devia deixar transparecer quanto se compreendia.

— Informações que terão de ser discutidas confidencialmente — respondeu Jenkins, sempre em inglês.

Federov ficou novamente em silêncio, por um instante.

— Nós não tratamos desse género de assuntos — disse, por fim, já em inglês. — Se perdeu o seu passaporte ou precisa de alguma indicação, o melhor é dirigir-se à embaixada americana.

— Não me parece que eles estejam tão interessados nesta informação como o FSB. Mas, se não está interessado, peço desculpa pelo tempo que lhe tomei.

— *Podozhdite* — disse Federov, de imediato.

— Sim, eu espero — respondeu Jenkins. — Ainda aqui estou. Uma nova pausa.

— Onde foi que aprendeu a falar russo? — perguntou Federov.

Jenkins sorriu. O jogo pouco mudara nas décadas em que ele estivera inativo. Era a sua oportunidade de impressionar o interlocutor.

— Na Cidade do México, nos anos 70. Mas estou a aperceber-me de que é como andar de bicicleta.

— Andar de bicicleta?

— É uma expressão. Algo que, quando se aprende, nunca mais se esquece.

— Quer vir a Lubyanka?

— Não. Se o senhor ou outra pessoa qualquer estiverem interessados em falar comigo, liguem-me para este número. Estou perto. Eu direi onde podemos encontrar-nos. — Jenkins ouviu Federov a procurar desesperadamente um papel e uma caneta, mas não ficou à espera de que os encontrasse, passando imediatamente a papaguear o número. — Só estarei por aqui mais uns 15 minutos — acrescentou. — Quando acabar de tomar o café, vou-me embora. E talvez fosse bom se explicasse aos dois homens que me seguiram que as mulheres se sentem um pouco incomodadas quando veem homens sozinhos em lojas de brinquedos. *Proshchay* — despediu-se.

Desligou o telefone e recostou-se, observando pelo canto do olho os dois homens que o tinham seguido. Ainda nem decorrerá um minuto quando o que estava mais perto de Jenkins virou levemente a cabeça, tentando ocultar o fio que lhe subia do colarinho até ao ouvido: recebera uma chamada.

Passaram-se 15 minutos, e ninguém devolvera a chamada de Jenkins. Tal como o KGB, o FSB era paciente e preferia fazer as coisas à sua maneira.

Jenkins pegou no copo de papel, bebeu as últimas gotas do cappuccino e encaminhou-se para a saída, atirando o copo para um caixote do lixo. Ao passar pelos dois homens, não resistiu a meter-se com eles, dando a entender que era um agente de campo com experiência.

— *Vy mozhete byt' arestovany za besporjadok v detskom magazine* — comentou. *Ainda são presos por andarem a vadiar num centro comercial destinado a crianças.*



Jenkins passou a tarde com Uri a rever os procedimentos de segurança da filial de Moscovo da LSR&C. Terminada a reunião, a equipa de investimento sugeriu que fossem jantar a um restaurante chinês. Jenkins, que não voltara a comer desde a sanduíche que ingerira no avião, aceitou imediatamente. Passou a noite atento, mas não viu ninguém que lhe parecesse estar a segui-lo ou a observá-lo durante o jantar.

No final do serão, foi à casa de banho. Quando se encontrava no urinol, ouviu a porta a abrir-se, dando entrada a outro homem. Embora houvesse vários urinóis disponíveis, o homem usou o que ficava ao lado de Jenkins. Este, recordando a formação que recebera, percebeu de imediato o erro que cometera: tinham-no ensinado a nunca usar o urinol porque oferecia as costas à porta e deixava-o com as mãos ocupadas.

— Sr. Jenkins — disse o homem, sem voltar a cabeça nem tirar os olhos dos azulejos brancos que cobriam a parede sobre o urinol. — O meu nome é Viktor Nikolayevich Federov. Falamos ao telefone esta manhã. Estamos interessados em conversar consigo. Apareça amanhã às 10 horas no átrio do Lubyanka. Sabe onde é?

— Bem demais — replicou Jenkins. — É por isso que irá certamente desculpar-me por declinar o convite. A precaução é uma força do hábito. Prefiro um local neutro.

Tratava-se de manter o peixe preso ao anzol sem lhe facilitar demasiado a vida.

Federov respirou profundamente.

— Sabe onde fica o parque Zaryadye?

— É onde ficava o Hotel Rossiya? — perguntou Jenkins, aproveitando a oportunidade para mostrar ao seu interlocutor que era um agente dos serviços de informações, embora fosse provável que Federov já tivesse chegado a essa conclusão.

O Hotel Rossiya, que fora, em tempos, o maior hotel do mundo, alojara os dignitários estrangeiros na época da União Soviética. Após a queda do regime comunista, o novo proprietário tentara remodelá-lo, mas acabara por ter de o demolir quando o empreiteiro encarregado da obra descobrira que as paredes estavam repletas de câmaras de filmar, dispositivos de escutas e canos de distribuição de gás. Corria o boato de que Putin convencera o homem a desistir do projeto para evitar uma vergonha nacional e optara por fazer um parque no local, apresentando-o como um presente aos habitantes de Moscovo.

— Exatamente — respondeu Federov.

— Segundo sei, esse hotel tinha sido construído sobre os alicerces de um arranha-céus que nunca chegou a ser erigido, o Edifício Zaryadye, não é verdade? — Federov não respondeu. — O arranha-céus teria sido a oitava das chamadas sete irmãs de Moscovo, não é assim?

Federov olhou para ele. Jenkins conseguira captar a sua atenção, bem como ver bem o rosto do homem.

— Pode ir a pé do seu hotel — informou-o Federov. — Há um espetáculo às 11 horas no centro multimédia, um documentário sobre o incêndio de 1812 em Moscovo. Sente-se na segunda fila a contar do fim.

Quarenta anos depois de deixar a CIA, o ex-agente secreto Charles Jenkins encontra-se numa encruzilhada: aos 64 anos, tem uma empresa de segurança privada à beira da falência e está em risco de perder a casa, e a sua mulher encontra-se à espera de um novo bebé. É então que o seu ex-chefe da CIA lhe aparece à porta e lhe propõe uma missão arriscada: viajar secretamente para Moscovo e localizar a pessoa que eles suspeitam estar a aniquilar agentes de uma célula de espionagem americana conhecida como «as sete irmãs».

Desesperado por dinheiro, Jenkins aceita a missão e segue para a capital russa. Mas quando localiza o cérebro por detrás dos homicídios — a chamada «oitava irmã» — percebe que ela não é quem ele pensava. Na realidade, ninguém o é, neste jogo de espões mortal.

Perseguido por um implacável agente dos serviços secretos russos, Jenkins concebe um ousado plano de fuga através do mar Negro, mas em pouco tempo descobre que foi abandonado pela agência para a qual opera. Com a família e a liberdade em risco, Jenkins terá de lutar pela vida... contra o seu próprio país.

«Um thriller pleno de tensão e fugas, cuja ação culmina num julgamento em tribunal tão brilhante quanto qualquer um dos de John Grisham.

Uma leitura obrigatória para os fãs de romances de espionagem e thrillers jurídicos.»

LIBRARY JOURNAL

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-824-5



9 789895 648245

Thriller